

# concreta dos intelectuais pseudo-livres

De 1929 a 1932 mais duma quarta parte do operariado americano fica sem emprego.

Nos países industrializados da Europa, o desemprego «progride» rapidamente.

Em 1932 há 5.579.858 desempregados na Alemanha; 2.272.590 em Inglaterra; 266.854 em França; 1.006.442 na Itália, cifras que vão aumentando de ano para ano.

Algumas ligeiríssimas melhoras se observam em várias nações, obtidas quasi sempre pelo desenvolvimento das indústrias de guerra. Enfraquece a divisão internacional do Trabalho. A crise gera movimentos favoráveis à autarquia económica. Começa a pedir-se aos Estados a protecção da indústria nacional, por meio de pesadas taxas aduaneiras, o que traz como consequência, uma luta cada vez mais áspera pelos mercados e pelas matérias primas, e, mais tarde, como era de esperar, a guerra.

A desconfiança na ciência, na técnica, a que há pouco nos referimos, aumenta, como é natural.

O racionalismo recua. O racionalismo de L. Brunschvicg, por exemplo, é já um racionalismo muito atenuado, muito restrito, sem a força, a confiança, o impulso progressista do racionalismo do século XIX. Orienta-se para o idealismo, ao contrário justamente do racionalismo do século anterior, e, quanto ao progresso, já não fala de um progresso humano concreto, mas de um progresso de consciência. Caminha de abstracção em abstracção, sem opôr resistência às correntes irracionalistas.

A Escola Sociológica de Dürkheim perde gradualmente a sua influência, chegando mesmo a sua revista «Annales Sociologiques» a admitir colaboradores que já não seguem a sua orientação, que caminham para o bergsonismo (Ch. Blondel, Halbwächts). Os impulsos místicos revigoram-se (é claro que eles não deixaram de existir desde a Idade Média até ao século XX, mas nunca haviam sido tão fortes e conquistado tantos espíritos como de 1929 para cá o que, está bem de vêr, não é uma coincidência fortuita)—na Alemanha, em volta das filosofias da vida, na França, do Bergsonismo, e nos E. U., do pragmatismo.

Critica-se o determinismo científico, nega-se o valor objectivo da ciência, a validade do conhecimento racional, afirma-se o valor da intuição.

Os intelectuais traduzem a crise à sua maneira. Nega-se o progresso, a Razão. Os métodos científicos de nada servem—é impossível, servindo-se deles, chegar-se ao conhecimento das verdades fundamentais. Para isso só a intuição.

O intelectual olha o mundo—esse vale de lágrimas, e vê que nada pode fazer-se, que o progresso é impossível, que a realidade é desagradável, grosseira, que os males vêm da própria natureza humana, cuja modificação é inútil esperar. Só lhe resta esquecer as realidades exteriores e voltar-se para si, para o seu mundo íntimo, onde encontrará as grandes verdades eternas.

Na Alemanha, Simmel volta-se contra o manismo dogmático, e contribui para um pluralismo céptico e cheio de gradações. É fundamentalmente um formalista. Afirma que a filosofia não reflecte o mundo através das aquisições científicas, de que é absolutamente independente.

A fenomenologia é um dos mais importantes movimentos filosóficos dos tempos modernos.

Husserl, o seu mais notável representante, pretende ser positivista, mas declara ao mesmo tempo que é preciso ir até às origens da intuição para achar as evidências fundamentais, que «toda a intuição que conduza aos dados imediatos e originais é uma fonte de conhecimento válida», devendo todos os dados imediatos serem «pura e simplesmente aceites como se apresentam à intuição». «Trata-se de descrever, apenas de descrever, os puros e irreductíveis dados da intuição». Husserl serve-se da própria intuição bergsoniana. A fenomenologia despreza a realidade dos objectos, joga com puros conceitos. Husserl na «Lógica formal e lógica transcendental» declara que «o único ser absolutamente indubitável é o da consciência pura». A filosofia compete descrevê-la, deixando de fora tudo o resto.

Afirma-se o primado metafísico da consciência e renuncia-se a encontrar o objecto do conhecimento.

A influência da fenomenologia exerce-se contra o racionalismo.

Um dos mais célebres discípulos da escola fenomenológica, quando a fenomenologia se aproxima dos problemas morais e sociais, é Max Scheller.

Na filosofia de Scheller, mistura confusa, cheia de misticismo e poesia, é reservado um lugar importante à intuição.

Scheller fala-nos de intuição emocional, de valores individuais e afirma que «cada pessoa deve agir de maneira diferente de todas as outras, no seu caminho próprio de perfeição» (que bela coisa para os mocinhos intelectuais, para os adeptos da variedade, da qualidade e da originalidade).

A construcção confusa, arbitraria e pretenciosa que é a filosofia de Scheller, foi talvez das que mais forte influência exerceram sobre a intelligentsia subjectivista.

O intuicionismo irracionalista, o subjectivismo e o anti-progresso caracterizam os mais importantes movimentos intelectuais do nosso tempo.

Heidegger, outro místico, pertence também à Escola Fenomenológica. Sobre ele exerceu Kierkegaard uma influência considerável. Um e outro põem no centro das suas descrições o desespero, a angústia, o nada.

As filosofias da vida na Alemanha reforçam-se e, por toda a parte, as manifestações metapsíquicas—telepatia, ocultismo, espiritismo, como que se reabilitam.

Kierkegaard faz sucesso.

Na Alemanha, a economia política envereda por um caminho anti-materialista, em volta de Ottmar Spaun. Ataca-se furiosamente o determinismo da física (ataques que partem de confusões iniciais sobre a indeterminação). Pala-se em regresso da ciência à religião, em ressurreição da crença no Espírito, em bancarrota da ciência.

Certos movimentos sociais, como os que triunfaram na Alemanha e na Itália vão buscar as suas bases teóricas a estas confusões constantes, a estes conceitos obscuros, à crítica da ciência e do racionalismo, aos misticismos.

Entretanto, os trabalhadores vão atingindo a maturidade, pela unificação. A classe dominante abandona de vez o progresso no momento em que começa a estar submetida à técnica em vez de a ter ao serviço dos seus fins. As tendências para as restrições à técnica acentuam-se e algumas medidas são tomadas nesse sentido. Já dissemos o que isso representava—a sua esperança num retrocesso. Além disso, o facto de existir uma técnica poderosa é uma força a impelir à realização de profundas transformações na ordem estabelecida, pois há da parte de muitos a consciência da viabilidade dessas transformações, devido, justamente, à técnica.

É preciso fazer crêr que isso é um engano, uma ingenuidade, que o progresso é inviável, atribuir as culpas de todos os males às aplicações práticas da ciência—a técnica.

Mas a própria dominante descre de progresso, porque vê aproximar-se o fim da seu poderio (e isso constitui, sem dúvida, para ela, o verdadeiro progresso).

Não se julgue que isso só se dá com ela; também assim pensam—a média e a pequena burguezia, ameaçadas pela concentração crescente e parte do operariado, em virtude do desemprego e da baixa dos salários.

A desunião das classes, as convulsões, o desemprego, a corrida aos armamentos, as ameaças de guerra, o fracasso das tentativas de organização internacional, a todos fornecem argumentos para negar o progresso, atacar a ciência e a técnica e atribuir todos os males à natureza humana (que afirmam insusceptível de qualquer melhoramento), crendo uns sincera e candidamente o que afirmam, tentando outros iludir os semelhantes e a si mesmos se enganarem, ocultando os seus verdadeiros interesses e intenções debaixo de um sombrio ar de pessimismo.

O clima ideológico é, depois de 1929 sobretudo, muito diferente do clima ideológico dos séculos XVIII e XIX.

Os intelectuais reflectem de uma maneira intelectual o que receberam do meio ambiente.

As tendências místicas atacam com singular energia e a sua influência sobre o meio é enorme.

Grande parte da intelligentsia adere a estes movimentos.

O irracionalismo e o subjectivismo ganham simpatias, ao mesmo tempo que os movimentos retrógrados (como o da «Action Française») levantam a cabeça. A atitude dos intelectuais é perfeitamente compreensível.

Perante a negação do progresso humano, da razão, da objectividade da ciência, que fazer? Trata-se de intelectuais, não o esqueçamos e, perante tudo isto, perante, sobretudo, a afirmação da inviabilidade do melhoramento do homem e da sociedade, a sua atitude mais natural é afastar-se da abjecta realidade, isolar-se. Perante a negação do valor da ciência, da objectividade, a sua atitude mais natural é procurar em si mesmos as verdades (ou as ilusões de que necessitam).

O Bergsonismo foi, sem dúvida, de entre todos os movimentos irracionalistas, o que maior influência exerceu sobre os intelectuais do Ocidente.

Embora lançado nos fins do século XIX por Henri Bergson, só depois de 1929 alcançou verdadeiro sucesso (já sabemos porquê).

Surgido num período de prestígio da ciência, o bergsonismo lança-se contra a psicologia científica e o determinismo mecanista, cujos exageros e ingenuidades facilitaram singularmente os seus ataques.

Mas Bergson não critica apenas os exageros e as ingenuidades da psicologia científica ou de qualquer outra ciência:—pretende ir até ao fundo, até à destruição das bases de toda a ciência, dos seus métodos e das suas conclusões, pretendendo, ao mesmo tempo aproveitar-se das últimas conquistas da ciência, sobretudo da neurologia e da genética.

Bergson formula os princípios do intuicionismo e a lei da dupla frenésia, que, segundo ele, exprime duas tendências divergentes do élan vital: tendência para o bem estar e tendência para o ascetismo, que se vão sucessivamente substituindo no decurso da história, explicando todo o seu desenrolar, dirigindo a sociedade. Quando a sociedade está saturada de uma, vem a outra. E assim se consegue o equilíbrio.